

JORNAL DO BRASIL

Sarney quer calar sobre a dívida externa

William Waack

BRASÍLIA — Além da habitual retórica entre países latino-americanos o presidente José Sarney não pretende descer a detalhes sobre endividamento quando discursar, por três vezes, durante a viagem que inicia este fim de semana ao México. Só o Brasil e o México (além dos EUA) já ultrapassaram os 100 bilhões de dólares de dívida externa — mas os pontos de contato nas táticas de renegociação do débito não são exatamente convergentes.

Nas oscilações periódicas no relacionamento entre credores e devedores México e Brasil teimam em situar-se nos pontos opostos. No ano passado, o Brasil tinha ótimas reservas cambiais e estava próximo de um acordo com bancos e governos, enquanto o México (ajudado pelo governo americano e pelo FMI) lutava para obter dos bancos um pacote de 7 bilhões de dólares.

Agora, as situações se invertiram: o México dispõe de reservas acima dos 15 bilhões de dólares (as do Brasil estariam em 4) e vai contando com a benevolência dos credores sobretudo diante de um fato: assinou com o FMI e não quis declarar moratória. Essa ortodoxia é argumento nas mãos dos bancos contra o Brasil e está longe de constituir fonte de inspiração para os negociadores brasileiros.

Há outros fatores ainda influenciando o cálculo cauteloso do presidente brasileiro. O Consenso de Car-

14 AGO 1987
tagena criou um vocabulário e uma base de pronunciamento comuns para países latino-americanos altamente endividados. A atitude de cada um, quando confrontados imediatamente com o reescalonamento de seus débitos, tem sido muito divergente.

Argentina e Venezuela literalmente se aproveitaram do momento de confusão e apreensão na comunidade financeira internacional, logo após a declaração de moratória por parte do Brasil, para finalizar rapidamente acordos com seus credores privados. Funcionários argentinos foram ao ponto de passar pelo Rio antes de negociar em Nova Iorque, numa espécie de dribble com grandes resultados psicológicos no Comitê de Assessoramento dos bancos.

Nem o Peru se furta à regra. O impulsivo Alan García nunca se intimidou em tomar atitudes isoladas — prática que não abandonou, aliás, apesar da falta de seguidores entre seus vizinhos por geografia e afinidades. O paradoxo, observava ontem um assessor presidencial, é que os países latino-americanos têm exigido constantemente uma abordagem política global da questão do endividamento externo, mas preferem tratar de seus casos individualmente.

O Brasil tem causado preocupação na comunidade financeira internacional sobretudo pelo impasse que surge aos pedacinhos nas linhas de crédito a curto prazo, colocadas à disposição de bancos brasileiros operando no exterior para financiar comércio e suas próprias atividades. Não parece ser a intenção brasileira a de colocar lenha na fogueira ainda antes da decisiva abertura de negociações com os bancos privados, em setembro. Nem a do México: o presidente Miguel de La Madrid não tira a palavra cooperação dos seus lábios.